

Tema do Trabalho: Formação de professores no contexto da inclusão para o fazer artístico e ou musical

Modalidade: Relato de experiência

FABIANA CHÁVEZ E PAULA GABRIELA CHÁVEZ

SHX440@GMAIL.COM

A PRÁTICA MUSICAL E SUAS POSSÍVEIS ADAPTAÇÕES DIANTE DA PERDA DA VISÃO

Resumo

Na história da música, existiram muitos maestros e personalidades dentro do âmbito da música muito destacados com deficiência visual ou cegueira. No entanto, há uma área pouco abordada até o momento: a que se ocupa daqueles estudos que tratam das mudanças ou adaptações que deveria realizar um músico na hora de perder sua visão funcional.

Este trabalho, de natureza descritiva, tenta refletir nossa experiência ao longo de nossa carreira musical. Neste contexto, apresentamos este breve relato, que narra o começo de nossos estudos musicais e pianísticos até nossos dias.

O objetivo deste trabalho é descrever e comunicar as diversas etapas pelas quais transitamos nossa carreira musical acompanhada de uma notória diminuição da capacidade de percepção visual, a partir do relato de experiências que manifestam este processo.

Palavras chaves: Prática musical, Adaptações, Diminuição da visão

Aos 14 anos, recebemos o diagnóstico de doença de Stargardt (Fundus Flavimaculatus), que segundo Behrman, Kliegman e Jenson (2006) se trata de “*uma retinopatia autossômica recessiva, que se caracteriza por uma degeneração macular lentamente progressiva com deterioro visual*”. Esta doença é uma das causas de baixa visão nos jovens, que sem serem cegos, “*sua condição os limita e não podem lidar com as atividades diárias sem certos elementos de ajuda, óticos ou não óticos*”. (Voss, 2007).

Assim, começamos nossa aproximação à música, e especificamente ao piano como instrumento. Nosso pai, ao perceber a impossibilidade que manifestávamos ao lermos as partituras impressas em tamanho original, inclusive com ajudas óticas para visão subnormal, tomou a iniciativa de transcrever manualmente as partituras para piano, em tamanho legível para nós, escritas com grande contraste.

Desta maneira, ingressamos ao Instituto Superior Santa Ana de Buenos Aires.

O material musicográfico foi proporcionado em sua totalidade por nosso pai, quem passou de transcrever pequenas obras musicais, a obras mais importantes em extensão e dificuldade.

A metodologia de estudo que adotamos naquele então consistiu unicamente na leitura das partituras em tamanho aumentado e com as ajudas óticas correspondentes a uma visão subnormal como a que possuíamos, com a impossibilidade de uma leitura a primeira vista, já que a proximidade das lentes à partitura, não o permitiam. Ou seja, que toda nossa carreira acadêmica foi integralmente realizada com o método da memorização das obras musicais. Nesta instância, seria comparável a um aluno amaurótico, para quem é totalmente impossível ler enquanto executa o instrumento, já que seu método de leitura é unicamente de caráter tátil.

Foi assim que nos formamos do professorado Nacional de Música, e já oferecendo várias apresentações como solistas de piano e duo de piano a 4 mãos em diversas salas de Buenos Aires.

A partir de então, começamos a notar pouco a pouco um deterioro na função visual, enquanto nossa atividade principal foi a da docência, a qual nos manteve afastadas do âmbito especificamente musical por vários anos.

No momento de tentar retomar nossa atividade musical e pianística, encontramos que aquelas partituras que nosso pai havia transcrito, em tinta e em tamanho aumentado, tinham se convertido em ilegíveis para nosso atual estado de deterioro visual, inclusive com a ajuda das lentes mais potentes para visão subnormal.

Após 18 anos fora da atividade musical, decidimos prosseguir nossos estudos musicais, ingressando ao Seminario de Equivalencia Universitaria que será ministrado no Instituto Universitario Nacional del Arte de Buenos Aires e com a determinação de retomar nosso duo de piano.

Surgiram assim alguns interrogantes:

Existem métodos ou estratégias específicas para abordar a atividade musical no caso de uma diminuição progressiva da visão? É possível adquirir novas habilidades nas diversas ordens da atividade musical para suprir o déficit desta modalidade sensorial?

Como se sabe, a musicografia Braille é o método mais eficaz de leitura de partituras para pessoas cegas ou com diminuição severa da visão. Também são de público conhecimento os destacadíssimos pianistas cegos que se desempenham de maneira brilhante no setor acadêmico e popular. A pesar de tudo isso, nossa experiência em particular difere da maioria destes casos, por termos nos formado através da lectoescritura musical convencional, e de haver executado o piano por meio de um importante suporte visual aproveitando ao máximo nossas possibilidades visuais do momento. De acordo com Vallés Arándiga (1999) “*Os alunos com resto visual utilizável e tendo recebido uma atenção prematura adequada aprendem por esta via com mais rapidez que aqueles que têm perdido a visão repentina ou paulatinamente, depois de ter baseado toda sua aprendizagem através do canal visual*”.

Descobrimos assim na Web, o software Lime Aloud da empresa Dancing Dots, que entre tantas funções que possui, tem a possibilidade de trabalhar como um leitor de partituras em voz alta, e mediante uma série de atalhos de teclado, pode-se navegar uma obra musical por tempos, compasses, pentagramas, etc. Nossa experiência com este programa foi ao princípio um tanto dificultosa, já que para uma pessoa que está acostumada à leitura visual resulta estranho ao princípio habituar-se a esta nova modalidade, mas em pouco tempo, os resultados começaram a vislumbrar-se. Desta maneira, “*a aprendizagem auditiva se configura como a via sensorial de grande importância (junto ao processo de aprendizagem háptica-tátil) para a aprendizagem da pessoa cega e sobre o que devem adaptar-se todos os programas de intervenção educativa*”. (Vallés Arándiga, 1999).

Quanto à prática instrumental propriamente dita, se geraram grandes mudanças, já que a imagem visual do teclado, com a qual estávamos habituadas a lidar, se tornou embaçada e quase imperceptível. Esta nova realidade, tal como se evidenciou em um trabalho anterior (Chávez 2010) propiciou a implementação de uma nova forma de deslocamento através do teclado, mais rente, adotando uma técnica de exploração, e assegurando as distâncias mais afastadas com um incremento da memória espacial.

Da mesma forma, os gestos característicos na música de câmara, que no geral se tratam de sinais visuais no caso de músicos videntes, nós substituímos por respirações, e dada a proximidade física nas obras de piano a 4 mãos, pela sincronia através dos movimentos dos braços.

Conclusões e discussão

Todas as mudanças e modificações na metodologia de leitura musical e execução instrumental que viemos efetuando há um curto tempo vão progredindo dia a dia, e talvez haja ainda muitas mais questões a resolver, principalmente as concernentes às estratégias de estudo para superar obstáculos relacionados com a impossibilidade visual do teclado, e logicamente haja que esperar um acomodamento a esta nova realidade, o qual responde de maneira

positiva aos interrogantes que estabelecemos inicialmente, que se for possível adquirir novas habilidades nas diversas ordens da atividade musical no caso de pessoas que têm perdido sua visão de maneira gradual.

Consideramos de grande importância o fato de que as pessoas que se dediquem ao estudo da música especializada façam um bom proveito de seu resto visual, com toda a gama de possibilidades que oferecem os avanços técnicos e tecnológicos, seja com o uso de ajudas óticas, tele lupas, como também de aumentadores de tela. Da mesma maneira, opinamos que a musicografia Braille, como método de leitura, é o ideal para os músicos que carecem do sentido da visão, e por essa razão, achamos que seria de grande ajuda para músicos com baixa visão e resto visual funcional, receberem aulas ou oficinas de musicografia Braille como alternativa de leitura.

Por outra parte, se torna fundamental o desenvolvimento de programas educativos que contemplem as estratégias e técnicas de estudo dentro do âmbito da música, que se adaptem às necessidades do aluno deficiente visual, para poder deste modo oferecer-lhes uma adequada formação profissional compensando assim os efeitos da deficiência.

Bibliografía

Behrman, R; Kliegman, R; Jenson, H. (2004). *Nelson Tratado de Pediatría*. 17a ed. Madrid: Elsevier.

Chávez, P. (2010). *Estrategias de Estudio Utilizadas por Pianistas Ciegos*. Actas de la IX reunión de SACCoM. Tradición y diversidad en los Aspectos Psicológicos, Socioculturales y Musicológicos de la Formación Musical. L. Fillottrani y A. Mansilla (Eds). Pp. 44

Robles, M; Andrade, P; Núñez Blanco, M; y Vallés Arándiga, A. (1999). *Aspectos Evolutivos y Educativos de la Deficiencia Visual*. Madrid: ONCE.

Voss, E. (2007). *Maculopatía, Otra Forma de Ver*. 2a ed. Buenos Aires: Letemandia Casa Editora.